

NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 5 a 11 de agosto de 1960 N° 75
 Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Gerente — Guttemberg Cavalcanti

Brizzola Apresenta a Prova da Traição

EMBAIXADOR IANQUE FAZ ESPIONAGEM COM APOIO DE FALCÃO

A Prova do Crime

É a prova da mentira e da espionagem de Cabot: a cópia fotostática do «convênio» proposto pela Embaixada ianque ao governador Brizzola, para ser assinado entre o «Ponto IV» e a polícia riograndense. O documento prova que Brizzola disse a verdade quando afirmou que os diplomatas-espíões procuram suborná-lo, para que entregasse ao FBI os arquivos da polícia política gaúcha, em troca de um programa de ajuda de um milhão de dólares. E prova que o embaixador ianque mentiu descaradamente, quando afirmou, na nota distribuída à imprensa, que o convênio proposto não envolvia qualquer entrega de fichas ou informações aos policiais do FBI. O que o país não pode tolerar, depois das provas irresponsáveis da atividade de suborno e espionagem aqui desempenhadas pelo embaixador Cabot, é que o sr. Kubitschek e o Itamarati continuem omitindo-se do problema, e não tomem a única medida capaz de dar à opinião pública nacional a reparação exigida pelas proporções da ofensa feita a ela: a pura e simples expulsão do embaixador-espíão, e a denúncia dos acordos de espionagem acobertados pelo «Ponto IV». Leia completa reportagem na terceira página do primeiro caderno.

Próct no. 512-71-070 (Original)
 Agreement no. PS-2

trações e treinamento, essencial à consecução dos objetivos mencionados na Seção II, bem como o plano de financiamento serão especificados.

Outros técnicos atuarão como um pool central de especialistas para prestar assistência ao DFSP e às organizações policiais dos estados cooperantes em problemas específicos, conforme necessário e solicitado. Prestarão também assistência na criação de acadêmia Nacional de Ensino Policial e outros serviços de coordenação necessários.

B. Participantes

1. Visitas de observação nos escritórios de Secretarias Estaduais de Segurança Pública ou outros altos funcionários policiais e elementos correspondentes do DFSP.
2. Visitas de observação e estudos nos Estados Unidos dos Diretores das Escolas de Polícia estaduais e elemento correspondente do DFSP.

demonstration equipment essential to the achievement of the objectives as stated in Section II, and the financial plan will be specified.

Other technicians to serve as a central pool of specialists to assist the DFSP and the police of the cooperating states on particular problems as needed and as requested, also to assist in the establishment of the National Police Training Academy and other necessary coordinating services.

Brazilian counterparts to be assigned by the DFSP and the cooperating state police organizations to work closely with the U.S. technicians and to be available for the police personnel and information necessary to conduct an effective cooperative program.

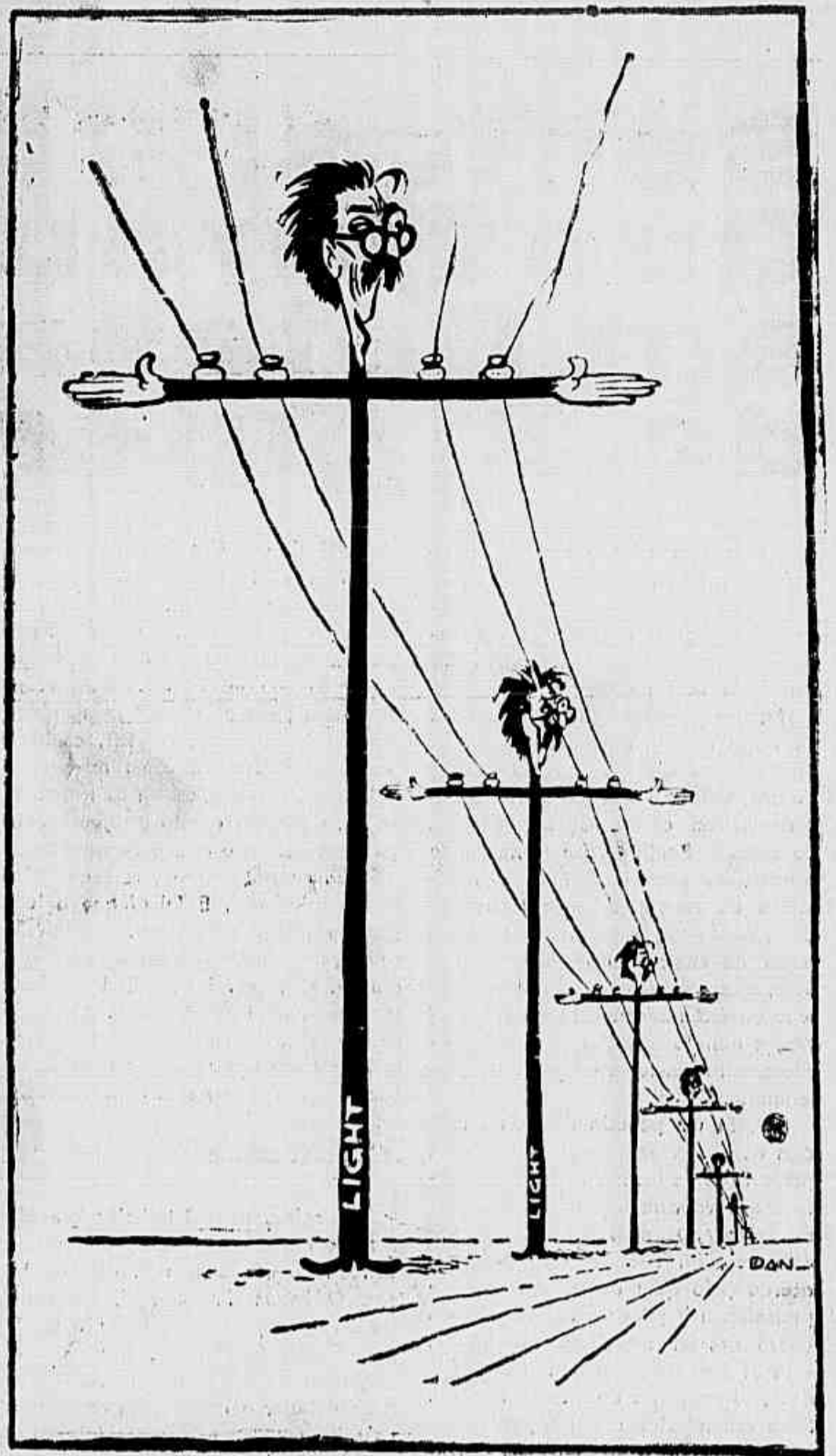
B. Participants

1. Observation visits to the U.S. for the State Secretaries of Public Security or other high ranking police officials and a comparable official from the DFSP.
2. Observation and study visits to the United States for the heads of the State Police Training Schools and comparable officials from the DFSP.

ENGANOU-SE mr. Cabot, o embaixador-espíão, ao pensar que divulgando um desmentido às denúncias feitas pelo governador Brizzola: poria um ponto final na rumorosa questão que provocou a indignação popular. O governador gaúcho voltou a falar sobre o assunto reafirmando sua grave denúncia e distribuindo à imprensa fotocópia do documento que comprava mais um ato de espionagem do embaixador ianque no Brasil. Apanhado com a mão na massa, o conhecido enreguista Armando Falcão não teve outra saída senão confessar publicamente sua conivência com mais esse atentado à soberania nacional. (Texto na 3ª pag. de 1º cad.).

Encontro dos comunistas da Guanabara

NO auditório da Associação Brasileira de Imprensa realizou-se à 5 do corrente, sexta-feira, a solenidade de encerramento do Encontro dos Comunistas do Estado da Guanabara. O ato, marcado para as 20 horas, será público e para o mesmo foram convidados representantes das diferentes forças e correntes políticas.



Romano atende aos tristes:

E agora Sette?

FAZENDEIRO presidente da COFAP, o sr. Guilherme Romano cumpriu o plano prático traçado, com as empresas que controlam a produção leiteira, concedendo um aumento exagerado para os preços do leite «natura». Submisso aos tristes norte-americanos, atendeu à sua política em prejuízo dos consumidores e dos pequenos produtores, explorados pelo industrial. E deixou mal o governador Sette Câmara, que afirmara não haver necessidade de aumento, porque o preço de Cr\$ 14,00 por litro deixava bastante margem de lucro. Mas o sr. Romano majorou em cinquenta por cento esse preço. (Reportagem na quarta página do primeiro caderno).

Alagoanos e Cearenses Solidários Com o Povo Cubano

Texto na 4ª pag. do 1º caderno



O POVO carioca está forçando nas ruas a união dos nacionalistas da Guanabara, para a vitória em 3 de outubro, em torno de Lott, Jango e Sérgio Magalhães. Na comício realizado no Méier, quarta-feira passada, cerca de 15 mil cariocas manifestaram a sua repulsa pelas tentativas de divisão dos nacionalistas da Guanabara, e demonstraram que, preservada a sua união, Jânio e Lacerda serão fragorosamente derrotados na Cidade Maravilhosa. (Leia na pag. 3).

Lacerda Não Quer Escola Para Todos

Reportagem na 1ª pag. do 2º cad.

Congresso

ORLANDO BOMFIM JR.

OS TRABALHADORES brasileiros têm revelado que sua consciência de classe se eleva e que aumenta sua força organizada. As greves gerais de Santos e de diversas cidades do Rio Grande do Sul, incluída Porto Alegre, constituíram demonstração indiscutível do que afirmamos. O significado desses movimentos não fica apenas no que expressam como unificação geral das diversas corporações operárias na luta por um mesmo fim. Esse aspecto já seria altamente importante, mas há ainda outro que se projeta com realce. É que o objetivo visado se colocava além do campo das reivindicações de resultado concreto imediato, sensível e favorável a cada trabalhador. No Rio Grande do Sul, a greve geral foi contra a carestia da vida. Em Santos, teve o sentido de solidariedade proletária, contra a injusta transferência de 31 companheiros. Foram, pois, lutas de nível mais alto. Por outro lado, são por assim dizer de todo dia as notícias sobre a crescente participação dos trabalhadores na vida política do país, cada vez mais integrados nas campanhas nacionalistas.

É DENTRO dessas condições de fortalecimento e avanço que os trabalhadores brasileiros ultimam a preparação do seu II Congresso Sindical Nacional, que será instalado no próximo dia 11. E os atos preparatórios já realizados ou em realização asseguram previamente o êxito do conclave. Além dos congressos estaduais (aliás precedidos de convenções regionais), houve reuniões nacionais dos estudantes, bancários, marítimos, portuários. O Congresso Nacional se apóia, assim, numa poderosa base de massas. Seus delegados (são esperados mais de 2.000) poderão realmente atuar como mandatários, democraticamente escolhidos, das organizações sindicais que representam.

AS RESOLUÇÕES já adotadas nas realizações preparatórias deixam entrever que os trabalhadores brasileiros irão dar um passo decisivo no caminho da organização, unidade e liberdade sindicais. Deverá corporificar-se a aspiração, já concretizada, no âmbito

local, em diversos Estados, de se estruturar um organismo central capaz de aglutinar, coordenar e dirigir as forças dos trabalhadores de todo o país. Medidas serão tomadas tendo em vista a plena autonomia das entidades sindicais, que ainda se encontram cercadas por restrições de caráter paternalista, frutos de uma época já enterrada no passado. Do tema consta ainda não apenas o exame da situação econômica dos trabalhadores e da luta por melhores condições de vida, como também a tomada de posição frente aos problemas nacionais. Particular atenção merecerá o homem do campo, que vê negados até mesmo seus direitos já consagrados em lei, como é o caso do injustificável engavetamento, pelo Ministério do Trabalho, de dezenas de processos de transformação de associações de assalariados agrícolas em sindicato. Voltado para os interesses da unificação internacional das forças dos trabalhadores, o Congresso analisará as relações do movimento operário e sindical brasileiro com as entidades dos demais países.

PODE-SE, assim, afirmar que o III Congresso Sindical Nacional assinalará um ponto alto, um marco significativo, no movimento sindical brasileiro. E sua importância atingirá, sem dúvida, a nação em seu conjunto. Fortalecendo sua organização, solidificando sua unidade, afastando obstáculos antepostos à sua ação, traçando rumos precisos para suas lutas econômicas e políticas, os trabalhadores passarão a representar um papel mais decisivo nos destinos de toda a sociedade brasileira. E isso ocorre numa época em que as condições, interna como externamente, lhes são favoráveis. O Brasil avança, com um vigor que nenhum embargo poderá conter, para um futuro de independência e progresso. E no mundo, radicalmente transformado pela formação de um sistema de países socialistas, nos quais o proletariado já alcançou sua libertação social, as forças que predominam não são mais as da tirania e da exploração. Nestes novos tempos, o ex-operário mineiro Kruschiov pode puxar pela orelha o chefe do governo do mais poderoso país capitalista.

PARANÁ:

Entusiasmo Popular na Visita de d. Edna

O entusiasmo popular que cercou a visita de D. Edna Lott a Curitiba, foi tão grande que deixou surpresos e desarmados os próprios responsáveis pelo programa da filha do candidato nacionalista na capital paranaense. Viu-se isso logo após a chegada de D. Edna, durante a entrevista à imprensa concedida por ela, às 18 horas do dia 21. Enquanto transcorria a conversa com os jornalistas, na sede do Comitê Nacionalista, uma grande multidão se reunia em frente à sede, na Avenida João Pessoa, espontaneamente atraída pelo nome já popular de D. Edna. Aquela multidão entusiasmada, contudo, «não estava no programa», e durante algum tempo, os dirigentes do Comitê Nacionalista ficaram confusos e hesitantes, sem saber o que fazer com ela. Foi preciso a iniciativa de um hábil jornalista local, Altair Astar Raymundo, que jogou um alto-falante para a rua e passou o microfone

a D. Edna, para que a multidão tivesse o comício que queria.

Confiança no nacionalismo

Tanto nessas rápidas palavras dirigidas ao povo como durante a entrevista, D. Edna Lott demonstrou inabalável confiança no nacionalismo e nos sentimentos patrióticos da maior parte dos brasileiros. Também no Teatro Guaiara, superlotado, à noite do mesmo dia, D. Edna falou aos curilibanos, explicando a mulher paranaense e ao povo em geral os motivos pelos quais devemos ser nacionalistas, demorando-se nos detalhes em torno da exploração estrangeira de que estamos sendo vítimas, «desde o Brasil-colônia», até os nossos dias, exploração essa que é a principal causa da miséria do nosso povo e da esmagadora mortalidade infantil causada pela fome. Falou do analfabetismo e de suas principais causas. Sua oração

foi, por diversas vezes, interrompida por calorosos aplausos.

“O voto não tem cor”

As mais diversas perguntas foram feitas a D. Edna, durante o seu encontro com a imprensa. Quando alguém lhe perguntou se o marechal Lott aceitara o voto dos comunistas, ou se os repudiou publicamente, D. Edna respondeu que «em primeiro lugar, os comunistas, como todos os demais brasileiros, são obrigados, por lei, a votar; em segundo, o voto não tem cor; em terceiro, se os comunistas estão com os nacionalistas, estão com Lott e com Jango, estão conosco, porque esses são os fatores preponderantes que nos unem».

Comitês femininos

Respondendo a pergunta de um jornalista, afirmou que mais de cem co-

mitês nacionalistas femininos já foram instalados em Minas Gerais, e que em muitos outros Estados as mulheres estão cerrando fileira em torno da candidatura do Marechal. E mais: a campanha está sendo dinamizada em todos os recantos da Pátria.

Aliado do adversário

A respeito das atitudes do coronel Canabarro, D. Edna Lott respondeu, sem rodeios, que Canabarro é o melhor propagandista e aliado do adversário, e que, no caso Canabarro, aplica-se bem o adágio popular: «Que Deus me livre dos amigos, que dos inimigos me livre eu!».

Sobre Sebastião Paes de Almeida e outros, disse D. Edna Lott que reitera todas as suas acusações, e frisa: «Desde a primeira vez que os acusei, nunca retirei uma vírgula do que disse».



D. Edna falou à imprensa

Assim que chegou à capital do Paraná a sra. Edna Lott concedeu, na sede do Comitê Nacionalista local, importante entrevista à imprensa reafirmando sua confiança na vitória da candidatura do marechal Lott.



D. Edna falou ao povo

Ao mesmo tempo em que a sra. Edna Lott concedia sua entrevista à imprensa curitibana, grande massa popular aglomerava-se em frente à sede do Comitê Nacionalista exigindo sua presença. Acendendo aos apelos populares, a filha do marechal Lott pronunciou vibrante discurso de reafirmação de suas posições nacionalistas.

Teatro

“A Mais-Valia Vai Acabar, Seu Edgar”...

Beatriz BANDEIRA

O autor é Oduvaldo Vianna, filho, O diretor é Francisco de Assis, moços da Arena de São Paulo, atuando aqui, desde o ano passado. O elenco é constituído de jovens universitários, todos da Faculdade de Arquitetura, creio eu. Local: o bellissimo pátio interno da dita Faculdade, transformado em teatro de arena. Música de Carlos Lyra, bossa-nova, que provou mais uma vez que quem tem talento o demonstra em qualquer gênero. O tema está explicito no título: uma aula de economia política ministrada em termos de teatro. Não pode haver empreendimento mais difícil. Como a ousadia é própria dos jovens, Vianinha, talvez o mais jovem de quantos escrevem para teatro, tomou a si a tarefa imensa. Os resultados não surpreendem: são o que se poderia esperar, levando-se em conta todas as dificuldades que autor e diretor teriam de enfrentar. O que deve ser assinalado, entretanto, é que graças ao esforço desses jovens, tanto do Arena de São Paulo, quanto esses da Arquitetura, a Arte Dramática está sendo reabilitada, reconduzida às suas funções didáticas e sociais. Funções que exerceu desde os tempos de Aristóteles, até Lope de Vega, Calderon, Gil Vicente e outros. E mesmo, de um certo modo, até nosso Martins Penna, tendo nos últimos anos descambado para os dramatinhas psicológicos e os problemas de alcova. Não há dúvida que amanhã ou depois, quando se escrever a História do Teatro no Brasil, o movimento de renovação encabeçado por esses jovens marcará uma nova fase. Fazendo parte do grupo de G. Guarenti e Boal, visto que Vianinha tem intenções mais sérias, mais profundas. Ele sente que não basta relatar ou denunciar uma realidade, é preciso explicá-la, ensinar, redizendo-a aos termos mais simples e mais acessíveis. E foi, entretanto e justamente isso que ele se esforçou por realizar na «MAIS-VALIA...» e não conseguiu. Fortemente influenciado por Brecht e Charlie Chaplin, escolheu a linguagem teatral de um, misturando aos termos cinematográficos do outro, para expressar-se em sua aula. E, talvez, não seja essa a forma mais didática de falar a uma plateia totalmente ignorante do assunto. De tudo, resultou um conjunto de coisas negativas e outras altamente positivas. Entre as últimas, cumpre assinalar a cena do congresso de economistas, velhos mentecaptos e ganãs, muito semelhantes a certos conhecidos nossos, com a intervenção do jovem operário que dá a definição marxista da «mais-valia». Não compreendemos as razões que levaram Vianinha (ou terá sido o diretor?) a fazê-lo através de um ganho tão alto, bem depressa se esqueceu que o era quando a nosso ver tal resposta, esbaldada deveria caber ao voz de melhor timbre, a falar com voz clara e impetuosa.

TRUSTES SABOTAM A FÁBRICA DE PNEUS

Operários em Greve Exigem os Atrasados

Cerca de 600 trabalhadores da Fábrica de Pneus Brasil entraram em greve no dia 16 de julho último, reclamando o pagamento dos salários que não recebem há mais de dois meses. O proprietário da empresa, que é o único de capital nacional operando no ramo da fabricação de pneus e câmaras de ar, alega não poder saldar os seus compromissos com os empregados em virtude das dificuldades que a fábrica vem enfrentando, em consequência da concorrência desleal de que é vítima, e da própria má vontade da administração do Banco do Brasil, que lhe vem negando crédito sistematicamente.

A empresa, que chegou a dar uma produção diária de mil pneus, foi sendo sufocada pela concorrência da Firestone, Good Year, etc., e pela falta de crédito, tendo diminuído o seu ritmo de produção, baixando os seus índices para 600 e até 400 unidades diárias. O resultado da pressão dos monopólios, como sempre ocorre, caiu desastrosamente sobre os ombros dos 600 trabalhadores e das suas famílias, que estão passando fome, à espera de uma solução das autoridades. Os mensalistas da Fábrica não recebem os seus salários desde maio, enquanto os diaristas não viram mais um tostão da empresa desde o dia 1 de junho.

O movimento grevista é liderado pelo Sindicato dos Trabalhadores em Artefatos de Borracha, que vem se empenhando junto as autoridades ministeriais e ao Governador Sette Câmara, exigindo o pagamento que é devido aos trabalhadores.

Caiu de fome

A situação de miséria a que estão submetidos os operários é tão grande que diversos trabalhadores já caíram vitimados pela fome nas próprias dependências do Departamento Nacional do Trabalho, onde os entendimentos vêm se processando. O Diretor do DNT, diante da frequência desses acontecimentos, resolveu providenciar junto ao SAPS o fornecimento de refeição aos operários da Pneu Brasil, mas só quando eles vão ao DNT. A Comissão de



Operários com fome pararam o trabalho

Imposto Sindical destinou, por outro lado, uma ridícula verba de 300 mil cruzeiros para ser distribuída entre os 600 grevistas.

BB sabota ordens de JK

Consta que o Presidente da República havia determinado, há mais de um mês, que a Presidente do Banco do Brasil providenciasse um empréstimo à Fábrica de Pneu Brasil para que ela saldasse as suas dívidas com os seus empregados, e pudesse continuar a sua

atividade industrial. Mas a Agência do Banco do Brasil do Estado da Guanabara não recebeu a autorização. Esse fato foi levado ao conhecimento do Governador Sette Câmara, no dia 28 de julho último. O Governador da cidade comprometeu-se a solucionar o problema dentro dos próximos dias, e passou a entender-se diretamente com os Ministros do Trabalho e da Fazenda. Enquanto isso os operários continuam em situação aflitiva, lutando como podem contra a fome que assalta os seus lares.

Baleado o Líder Campones da Cidade de Cotaxé

VITORIA — E. Santo (Do Correspondente) — O líder camponês Francisco Calazans, conhecido como «Chico Gato» foi covardemente baleado em sua residência, na calada da noite, sendo atingido por dois tiros quase a queima-roupa. A sua filha, que dormia no mesmo quarto, chegou a ser chamuscada pela pólvora dos projéteis. Uma das balas atingiu o ventre de Calazans. O criminoso fez o disparo através de uma brecha existente na porta da cozinha da modesta residência do líder camponês.

uma poça de sangue, ante os olhares desesperados de sua esposa, em adiantado estado de gestação, e de seus seis filhinhos. Calazans, que é presidente da União dos Posses, recebeu ali mesmo os primeiros socorros, sendo transportado posteriormente numa carreta para Barra de São Francisco, onde foi operado. A bala, que foi retirada fez 14 perfurações no intestino de Francisco Calazans, que continuava resistindo aos ferimentos.

Os lavradores da localidade estão a caça do criminoso, e exigindo a sua punição.

A população da localidade de Cotaxé, correu imediatamente em socorro da vítima, encontrando-a caída em

Aspectos da Reforma Agrária

Em prosseguimento ao segundo ciclo de Palestras sobre Problemas Nacionais, promovido pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional e União dos Servidores Municipais, falará na próxima terça-feira, dia 9, às 18 horas, na A. B. L., sobre «Aspectos da Reforma Agrária», o economista Pompeu Acioli Borges, Assessor Econômico do Senado Federal e Chefe de Equipe do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais.

Entrada franqueada aos interessados.

Palavras Cruzadas

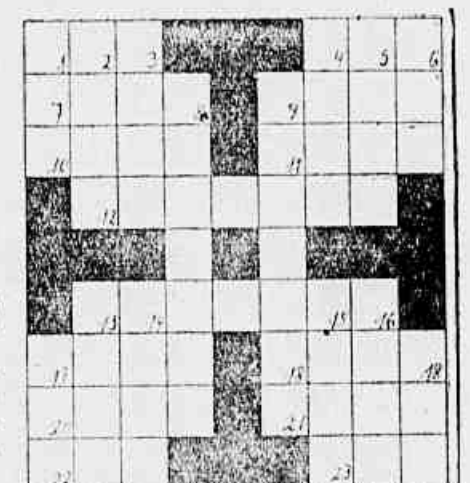
F. Lemos

PROBLEMA N.º 21

HORIZONTAIS: 1 — Merada. 4 — Não está cozido. 7 — Cheiro agradável. 9 — Máquina para fazer tecidos. 10 — Sirva prontamente. 11 — Essência imaterial da vida humana. 12 — Som agudo expelido dos lábios. 13 — De cor não carregada. 17 — Relativo à boca. 18 — Mácúla moral. 20 — Não paguei. 21 — Nome próprio masculino. 22 — Época. 23 — Membro empenado das aves.

VERTICAIS: 1 — Discurso laudatório. 2 — Primeiro alvoro da manhã. 3 — Cortas com os dentes. 4 — Nome próprio feminino. 5 — Divisão e subdivisão de um tronco ou de um caule. 6 — Larva que se cria nas feridas dos animais. 8 — Escorregadio. 9 — Pequeno bloco de açúcar. 13 — Ter como verdadeiro. 14 — Matéria em fusão, que sai das vulcões. 15 — Pequena peça de madeira que serve para imobilizar ossos fraturados. 16 —

Deus do amor. 17 — Composição poética, dividida em estrofes simétricas. 19 — Criada de companhia.



RESPOSTA DO PROBLEMA N.º 20

HORIZONTAIS: 1 — R.A.U.; 4 — Pam; 7 — Erro; 9 — Lira; 10 — Ir; 11 — Ei; 12 — Eternos; 13 — Iharga; 15 — Ar; 16 — RS; 18 — Seis; 20 — Saco; 22 — Air; 23 — Ras. VERTICAIS: 1 — Rei; 2 — Arre; 3 — Ur; 4 — Pi; 5 — Ar; 6 — Mal; 8 — Orelhas; 9 — Lontras; 13 — Irei; 14 — Arca; 15 — Asa; 17 — S.O.S.; 19 — Ir; 21 — Ar.

Truste Dos Minérios Quer Dividir a República do Congo

Um mês depois da proclamação da independência da República do Congo, mais de dez mil soldados belgas continuam perturbando a paz no país e ocupando militarmente uma de suas províncias, a Catanga. Em duas províncias vizinhas, Casal e Quivu, ricas em ouro e diamantes, os colonialistas belgas provocam, direta e indiretamente, a deflagração da hostilidade entre tribus atrasadas e dominadas por chefes ancestrais alimentados pelos belgas. Enquanto isto, as tropas da ONU se limitam a policiar Leopoldville, Stanleyville e outras cidades do Congo ocidental de onde os belgas já se retiraram.

Em outras palavras, a intervenção da ONU, ao invés de pôr fim à intervenção inaceitável do exército belga, até o momento tem servido para manter um «status quo» que só interessa aos colonialistas belgas, porque serve ao seu principal objetivo: garantir a separação da Catanga do resto do país e preparar a criação de uma federação «independente» (isto é, dominada pelos belgas) das províncias congolêsas da Catanga, Casal e Quivu, base mineral do país. Essa é a situação atual do Congo: ocupado parcialmente pelos paraquedistas belgas, desorganizado econômica e administrativamente pela saída em massa dos funcionários europeus e ameaçado de divisão por elementos a serviço do colonialismo e sua principal agência, a União Mineira do Alto Catanga.

O sr. «Gaveta do Dinheiro»

Há um personagem de destaque no Congo que é conhecido em todo o país, em particular na Catanga, por um apelido que define sua atividade política e econômica, o sr. «Gaveta do Dinheiro». A partir de janeiro do ano passado, com as grandes manifestações de massa pela independência em todo o Congo, ficou claro para os colonialistas belgas que não seria mais possível continuar mantendo os treze milhões de congolêsos num regime de semi-escravidão disfarçado com algumas medidas paternalistas. Foi aí que o sr. «Gaveta do Dinheiro» começou a ser projetado como o dirigente «mais qualificado» do povo congolês. Até sua mesada na União Mineira foi aumentada de modo a permitir-lhe maior liberdade de movimentos.

O sr. «Gaveta do Dinheiro», segundo nome de Moise Tchombe, além do mais, é tão querido pelos colonialistas que possui um hotel em Elizabethville onde só se hospedam brancos, o que, no Congo «belga», era um verdadeiro privilégio que nenhum outro congolês jamais teve. Quando já estavam marcadas as conversações entre os líderes congolêsos e o governo belga, os colonialistas resolveram realizar «eleições» na Catanga, antes que se constituíssem outros partidos políticos na província. Concorrendo sozinho às eleições, o partido de Tchombe, o Conacat, conseguiu formar uma maioria no parlamento provincial, mas não tinha a maioria de dois terços exigida pela constituição fabricada pelos belgas para que se formasse um governo. Os outros deputados, quase metade do parlamento, foram eleitos contra a vontade dos colonialistas e se opõem até hoje ao governo legal de Tchombe e à sua manobra separatista.

Terminadas as conversações em Bruxelas para a independência do Congo, nas quais os belgas tiveram que aceitar a presença de Patrice Lumumba, atual primeiro ministro do país, que foi libertado e levado a Bruxelas pela pressão das massas, começou a entrar em ação um plano bem elaborado para reduzir a independência a uma simples palavra sem qualquer valor prático.

A União Mineira

Em primeiro lugar, verificou-se uma modificação na organização da União Mineira. O truste que explora o manganês, o cobre, o urânio, os diamantes e outros minerais da Catanga e das províncias de Casal e Quivu é uma verdadeira rede de interesses internacionais, cuja cabeça é controlada pelos belgas, com interesses ingleses, tanto da metrópole como da Rodésia do Norte, franceses, germano-ocidentais e norte-americanos, principalmente de

Rockefeller e Morgan. A maioria das ações da União Mineira, entretanto, estavam nas mãos do governo colonial do Congo «Belga». Prevendo que seria impossível evitar que o Congo independente fosse dirigido pelos líderes nacionalistas, os colonialistas passaram as ações do governo central do Congo para o da província da Catanga, ao mesmo tempo que reduziam o valor dessas ações para 25% do total. Nas mãos de Tchombe, de qualquer maneira, estas ações estariam «bem administradas».

Acima de tudo, era preciso fazer o possível para garantir a continuação dos bons negócios para a União Mineira. E que estes negócios eram bons, não há dúvidas. Basta que se diga que os lucros da União Mineira atingiram no ano passado quase quatro milhões de francos belgas, para um capital de cerca de oito milhões. Esses lucros são proporcionados pela exploração desapidada dos mineiros congolêsos cujos salários representam cerca de um centésimo do valor do que produzem. Numa demonstração de cinismo absoluto, a própria Sociedade Geral da Bélgica, truste belga que controla a União Mineira, revelou há pouco tempo que um trabalhador congolês custava para ela pouco mais de cem cruzeiros por dia, inclusive as despesas do truste com a manutenção das missões religiosas.

Os «macacos» e os pobres europeus

Com a aproximação da data da independência, começou então uma verdadeira guerra de informações falsas e boatos alarmistas espalhados por todo o Congo e no resto do mundo. Os milhares de europeus que vivem no país foram aterrorizados de tal modo que começaram a fugir às carreiras. Dentro do exército, o comandante fascista belga Jansens provocava o levantamento dos soldados, com suas manobras para manter o controle sobre os «macacos», que é como se referia aos congolêsos.

Proclamada a independência e formado o governo de Lumumba, apesar do boicote promovido pelos belgas através do Partido do Povo e outros da marca do sr. «Gaveta do Dinheiro», todos os esforços são feitos para criar o caos dentro do país e desmoralizar Lumumba no estrangeiro. Até um «apelo» do governo congolês à intervenção armada dos Estados Unidos e da Bélgica foi forjado pelo embaixador belga Van Den Bosch. Segundo os meios colonialistas, o Congo estava dominado pela barbárie, e os «pobres europeus» submetidos ao terror. Vem então a intervenção militar belga «para defender nossos bens e a honra de nossas mulheres». A história, entretanto, não volta atrás e, com ou sem ONU, o destino dos belgas é um só: fora do Congo.



Professor americano :

Fidel

tem razão

Henry Bretton, professor de Ciências Políticas da Universidade de Michigan, declarou que os Estados Unidos são responsáveis pela atual aversão existente em Cuba contra os norte-americanos. «Não sei se Castro é agente do comunismo internacional», disse, «mas devemos reconhecer que as queixas do povo cubano são legítimas. Especialmente fora dos Estados Unidos, muitas pessoas sabem qual era a vergonhosa situação existente em Cuba antes da revolução de Fidel Castro. E nós tiramos vantagem dessa situação. Muitos dos acordos comerciais hoje em vigor entre entidades norte-americanas e Cuba tiveram sua origem nessa época. Hoje, Fidel Castro tenta corrigir esses males e é certo que as relações comerciais e industriais entre as duas nações devem ser corrigidas, pois não é ainda tarde demais para que os Estados Unidos reorientem sua política relativamente a Cuba. Fidel Castro não é o louco que se afirma».

PARA OS ESTUDANTES IKE É UM BURRICO

Jalisco se Coloca ao Lado de Fidel Castro

Serviço Especial de PRENSA LATINA Exclusivo para NOVOS RUMOS

Guadalajara, capital do estado de Jalisco, é considerada como a segunda capital do México. Seus 700 mil habitantes — Tapatios — têm fama de agressivos e rebeldes; fama que foi fomentada por alguns filmes do cinema mexicano feitos na base de aldeões bêbados ou tequila e munidos de pistolas, os TAPATIOS deram origem ao refrão muito popular no México que diz: «Jalisco nunca perde, e quando perde, arrebatá».

Além da lenda e das deformações cinematográficas, há uma razão para tudo isto. A história de Jalisco está cheia de exemplos nos quais se apóia sua fama. Em Guadalajara o padre Hidalgo proclamou seu decreto de abolição da escravatura alguns dias depois de iniciado o movimento de independência. Dalí saíram os dirigentes do movimento «Cristero», mas também foi Tapatío o grande liberal, pai da reforma, Don Valentim Gomez Farias.

A juventude Tapatia esteve sempre à altura dessa tradição mas

há muito tempo que não provocavam manifestações como as de 23 de maio último, ao comemorar o Dia do Estudante.

Em anos anteriores esta comemoração limitava-se a brincadeiras às vezes de mau gosto, como jogar água nos transeuntes ou frutas contra os automóveis, etc.

Mas este ano a coisa mudou muito. As brincadeiras foram esquecidas, nada de jogar pedras nos parabrisas dos automóveis, nenhum atropelo contra os passantes. A manifestação estudantil caracterizou-se pela ordem; o comércio não teve que fechar suas portas e o público aglomerou-se nas calçadas para aplaudir os manifestantes.

Mas a mudança teve outra nuance. O desfile começou às 11 horas; da Escola Preparatória saíram 200 estudantes carregando cartazes com frases como: «Viva Cuba revolucionária!», «Morra o pepsicolo Ike!», etc.

Pouco depois de iniciado o desfile, o grupo de 200 tinha-se multiplicado por dez. Muitas pessoas do povo juntaram-se a manifestação.



Cuba sim, ianques não!

O burro e o açúcar

O que provocou maior entusiasmo e aplausos do público foi a troca com Tio Sam: um burro branco coberto com a bandeira norte-americana e na cabeça uma cartola com 3 letras: Ike. A seu lado caminhava um «Fidel Castro» com suas barbas e o uniforme do exército rebelde que de vez em quando oferecia torções de açúcar no burrinho branco.

Quando a manifestação chegou diante do consulado dos Estados Unidos o entusiasmo transbordou: durante meia hora os estudantes,

alguns dias atrás, as pessoas que passavam na praça Ramos de Azevedo, defronte à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, deparavam com um enorme retrato de Fidel Castro colocado na conhecida torre de petróleo que os nacionalistas de São Paulo elevaram. O retrato do chefe da revolu-

ção cubana foi instalado num comício convocado pela Comissão Paulista de Solidariedade a Cuba, depois de uma passeata a que compareceram centenas de estudantes, intelectuais, operários e líderes políticos, e representa o apoio que o povo brasileiro presta aos seus irmãos cubanos em luta contra o

imperialismo norte-americano. Outro retrato de Fidel Castro foi inaugurado na sede da União Estadual de Estudantes. O governador janista Carvalho Pinto, entretanto, mandou a polícia retirar o retrato da torre de petróleo, apesar dos protestos populares.

Fidel Tem Retrato na Capital Paulista

Nota Internacional

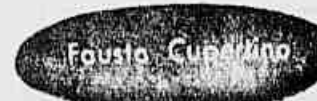
O Programa Republicano

As próximas eleições norte-americanas serão, em boa parte, dominadas por uma imbuência parca, que dirigirá dos bastidores a campanha dos republicanos: Nelson Rockefeller, governador do Estado de Nova York. A intenção inicial de Rockefeller, principal representante político dos grandes monopólios, era a de ser eleito candidato republicano à presidência. Entretanto, suas posições anti-reacionárias e belicistas equinocaram suas possibilidades eleitorais. Sem os milhões e os jornais a serviço de Rockefeller e seus sócios e amigos, contudo, será impossível a Nixon vencer qualquer candidato democrata, mesmo que seja o candidato Kennedy, e repetir a «fanfarrada» de Eisenhower em 1952 e 1956, quando foi imposta aos eleitores estadunidenses graças a um verdadeiro festival propagandístico. Daí o papel desempenhado por Rockefeller e a aceitação por Nixon de seu programa e liderança.

Mesmo com os milhões e os jornais dos grandes monopólios ligados à indústria bélica, entretanto, seria praticamente impossível aos republicanos conservar sua posição na Casa Branca se não se cobrissem de uma camada de verniz liberal. E então o governador de Nova York e o vice-presidente Nixon entram em acordo para a adoção de um programa demagógico que chega ao cúmulo do cinismo de tomar a defesa do movimento anti-segregacionista dos restaurantes do sul norte-americano. A hipocrisia de tal declaração é ainda mais acentuada pelo fato de que o governo republicano se encarregou de reprimir o movimento dos negros, prendendo seus líderes, inclusive religiosos. O resultado da manobra, no final das contas, foi um tiro pela culatra: a comissão republicana encarregada de votar o programa do partido se esmerou em retirar toda e qualquer referência concreta à luta pelos direitos dos negros, incompatível com a democracia republicana.

O princípio fundamental do programa proposto pela dupla Rockefeller-Nixon, na qual, pelo visto, a primeira entra com o capital e o segundo com o trabalho, e a crescente militarização da economia dos EUA. Os pronunciamentos de recessão econômica já verificados no primeiro semestre, apesar da recuperação provocada após a greve do aço do ano passado, colocaram em polvorosa os meios monopolistas. Depois da sabotagem da conferência de cúpula, os monopólios conseguiram mais um e meio bilhão de dólares de encomendas militares do Estado, pagas pelo contribuinte norte-americano. Isto, entretanto, não basta para garantir a «prosperidade». Torna-se então necessário elaborar um orçamento militar ainda maior, como propõe Rockefeller.

O caminho a ser seguido pelos republicanos em caso de vitória da chapa Nixon-Cabot Lodge está indiano na política já efetuada por Rockefeller no Estado de Nova York e preconizada na plataforma que elaborou: redução dos impostos pagos pelos trustes, elevação crescente dos impostos pagos pelas camadas populares, concentração das despesas públicas na produção militar ou para militar, contração das despesas com obras públicas, proteção aos monopólios iníquos nos países atrasados e agravamento da guerra fria. Em outras palavras, paz americana e «prosperidade» para os monopólios.



Lacerda Não Quer Escola Para Todos

A semelhança do sr. Jânio Quadros, que no plano nacional se arvora em «salvador da pátria», o deputado Carlos Lacerda, depois que se lançou como candidato a Governador do Estado da Guanabara, passou a abusar da paciência dos que conhecem melhor a sua vida política, apresentando-se como «defensor da escola pública». São veementes as suas promessas de dar educação ao povo, propaladas pessoalmente pela TV, ou através de cartazes sugestivos.

Seria de admirar que, um homem que desde longa data vem se colocando a serviço dos interesses mais retrógrados e ligados ao imperialismo, resolvesse agora, contrariando essas mesmas forças, lutar pela educação para todos. Enfim, tudo seria possível, se o homem em questão não fosse o sr. Lacerda, autor do infame substitutivo ao projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Podemos afirmar, com segurança, que ninguém mais do que o sr. Lacerda atenta e atenta contra a escola pública, gratuita, universal e sem discriminação. Apoiado pelo sr. Thompson Flores, presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino, e assessorado pela profa. Sandra Cavalcanti, o sr. Lacerda faz todas as manobras possíveis dentro da Câmara dos Deputados para desferir no projeto de Diretrizes e Bases, através do seu substitutivo, os golpes certeiros para acabar com a escola pública.

Agora, porém, o sr. Lacerda se afirma defensor da escola pública. Mas, para que de início se desmascare a tentativa de enganar o povo, o conceito que o deputado tem de escola

pública é totalmente falso. Para ele, qualquer escola é pública, seja mantida pelo Estado ou pela iniciativa particular porque, em ambos os casos, esses estabelecimentos estão servindo ao «Bem-Comum» e atendendo ao povo. Ora, nada mais utópico que afirmar que uma escola particular está aberta a todo o povo. Uma criança de favela só poderá nela ingressar para passear no jardim. A parcela do povo que ali recebe educação é uma minoria privilegiada, que sustenta um certo padrão social e econômico que tal escola exige. É preciso deixar claro, de uma vez por todas, que Escola Pública é aquela que, por ser mantida pelo Estado e não cobrar anuidades, não favorece nem permite qualquer discriminação, seja econômica, política, racial, social ou religiosa.

Nada melhor, no entanto, para descobrir as verdadeiras intenções do sr. Carlos Lacerda, que uma análise do substitutivo por ele apresentado na Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, quando da discussão do projeto de Diretrizes e Bases.

O Estado e a educação

Tudo o substitutivo Lacerda é caracterizado pela subestimação do papel do Estado no provimento da educação, encarando-o somente como fornecedor de verbas... para a escola particular.

O artigo 3º do substitutivo diz: «Para que a família, por si ou por seus mandatários, possa desobrigar-se do encargo de educar a prole,

compete ao Estado oferecer-lhe os suprimentos de recursos técnicos e financeiros indispensáveis, seja estimulando a iniciativa particular, seja proporcionando ensino oficial gratuito ou de contribuição reduzida». (O grifo é nosso).

É evidente, neste artigo, não só que o capcioso «fornecimento de recursos» à família ou a «seus mandatários» irá cair na mão dos donos de colégios particulares, como também a prioridade com que é contemplada a escola particular.

Mais adiante, no artigo 10, é reafirmada a dispensabilidade de o Estado fornecer educação:

Art. 10 — «Competem ao Estado as seguintes funções:

a) dar, quando solicitada, assistência técnica e material às escolas...

b) verificar se a escola preenche as finalidades a que se propõe;

c) fundar e manter escolas oficiais em caráter supletivo nos estritos limites das deficiências locais, onde e quando necessário ao pleno atendimento da população em idade escolar». (O grifo é nosso).

Como se vê, pelo item a) o papel do Estado seria «ajudar» as escolas, enquanto o texto constitucional o obriga a mantê-las no sentido integral da palavra ou pelo item b, fiscalizar as escolas existentes. E, se em todo o caso o Estado insistisse em fundar escolas, só poderia fazê-lo numa quantidade julgada necessária pelos privatistas, isto é, a escola pública passa-

ria a ser supletiva às particularidades. Onde os comerciantes do ensino julgassem que a escola pública viria aumentar a concorrência, bastaria declarar que seus estabelecimentos atendiam a toda a população, para que não se fizessem escolas públicas. É claro que assim não se cumpriria a Constituição, que afirma ser o ensino primário obrigatório. Se não fornece escolas gratuitas em número suficiente, o Estado não pode obrigar a freqüência aos colégios pagos.

Até mesmo para a função de fiscalizar a educação, o sr. Lacerda queria reduzir o papel do Estado ao mínimo. O artigo 15, por exemplo, propõe:

«A apuração normal dos resultados escolares ficará a cargo dos próprios estabelecimentos de ensino, sujeitos a processo de auto-inspeção exercida por entidade autônoma por eles constituída, subordinada ao Conselho Regional de Educação».

Esse método de «auto-inspeção» seria muito cômodo para os colégios e faculdades particulares, onde todos sabem, ocorrem as maiores fraudes de falsa prestação de provas, compra de diplomas, etc.

E, enfim, quando fosse indispensável a interferência estatal, na regulamentação dos cursos, matérias, etc., o deputado Carlos Lacerda exige, simplesmente:

Art. 20, Item a) «participação de representantes dos estabelecimentos particulares e oficiais nos órgãos de direção dos sistemas escolares locais e nos congressos por tais órgãos convocados». (O grifo é nosso).



O «Corvo» ataca

Sem problemas financeiros para criar os filhos, o dinheiro correndo à vontade para a sua burra, o «Corvo» quer liquidar a Escola Pública para deixar campo livre aos «tubarões» que exploram o ensino

As verbas públicas

Se fossem apenas esses os atendidos que o sr. Lacerda tentou no seu substitutivo, alguns deles incorporados ao projeto atual, estaria salva a pátria. Mas, o deputado foi tão mais longe na sua tentativa de acabar com a escola pública, que é preciso deixar claro suas reais intenções.

O sr. Lacerda sabe muito bem que, enquanto 30 milhões de brasileiros não puderem participar da vida política do país por serem analfabetos, ele tem suas posições e privilégios garantidos. Portanto, para manter-se onde está, sem maiores riscos, é necessário de um lado impedir que essa imensa parcela do povo receba instrução — e isso ele o faz magistralmente com seus substitutivos — e de outra parte negar o voto ao analfabeto — suas posições a esse respeito são bastante conhecidas.

Uma das formas mais simples de acabar em pouco tempo com a escola pública, sem aparecer acintosamente contra ela, seria desviando as verbas públicas destinadas à educação para a escola particular. Assim, as escolas oficiais fechariam por falta de recursos, enquanto os estabelecimentos particulares («públicos», segundo o deputado) floresceriam, justificando plenamente a «liberdade de ensino».

Essa «brilhante» solução constitui o objetivo primordial do substitutivo Lacerda.

O artigo 7º, por exemplo, reza:

«O Estado outorgará igualdade de condições às escolas oficiais e às particulares:

a) pela representação adequada das instituições educacionais nos órgãos de direção do ensino;

b) pela distribuição das verbas consignadas para a educação entre as escolas oficiais e as particulares proporcionalmente ao número de alunos atendidos». (O grifo é nosso)

A presença dos privatistas nos órgãos educacionais, que terão, entre outras atribuições, a de distribuição das verbas públicas destinadas à educação, já constitui um sério perigo. Indo mais além, o deputado Carlos Lacerda mostra claramente para que

servirá a presença desses homens nos conselhos de educação (e essa cláusula persiste no projeto de Diretrizes e Bases): garantir cada ano o desvio dos dinheiros públicos para os bolsos dos donos de colégios, que em alguns casos, pelo critério de proporcionalidade, serão somas fabulosas.

Se tomarmos como exemplo apenas o ensino médio do Estado da Guanabara, ficará bem clara a que interesse o sr. Lacerda está servindo quando legisla tais absurdos. Em 1959, matricularam-se nas escolas federais e municipais do Rio de Janeiro 23.979 adolescentes; nas escolas particulares 78.227. É fácil verificar que, pela distribuição de verbas de acordo com o número de alunos atendidos, as escolas particulares iriam nadar em ouro, pois, além das anuidades pagas pelos alunos, receberiam uma considerável «ajuda» dos cofres públicos. Isso lhes permitiria, em pouco tempo, ampliar instalações, receber um maior número de alunos e, conseqüentemente, mais dinheiro público. Ao mesmo tempo, o círculo vicioso inverso se daria com a escola pública, que acabaria fechando por falta de verba.

Atentados em profusão

Mas não termina aí o problema. Enquanto apenas 12% dos alunos do nível elementar estão em escolas particulares, no nível médio 68% são forçados a frequentá-las, pela modéstia da iniciativa pública nesse ramo. Por isso mesmo, para cada 7 alunos do primário só há um no ciclo médio. Acentuar essa desproporção, dando verbas para uma escola que não atende a todos os que precisam instrução e que não têm recursos, é colocar-se decididamente do lado daqueles que não querem dar educação ao povo, onde, aliás, o sr. Lacerda sempre esteve.

Continuando a bater na tecla da subvenção à escola particular, o substitutivo insiste, no artigo 70:

«Além dos recursos orçamentários destinados a manter e expandir o ensino oficial, o Fundo Nacional do En-

sino Primário, do Ensino Médio e o do Ensino Superior proporcionarão previamente fixados, para a cooperação financeira da União com o ensino de iniciativa privada em seus diferentes graus».

Descobrimos novos métodos para extorquir dinheiro do Estado, propõe o artigo 82:

«Entende-se por Financiamento Escolar aquele destinado a proporcionar recursos para construção de prédios, ajustamento de aluguéis, expansão das instalações, compra de equipamento, reforma, etc., a estabelecimentos não-oficiais».

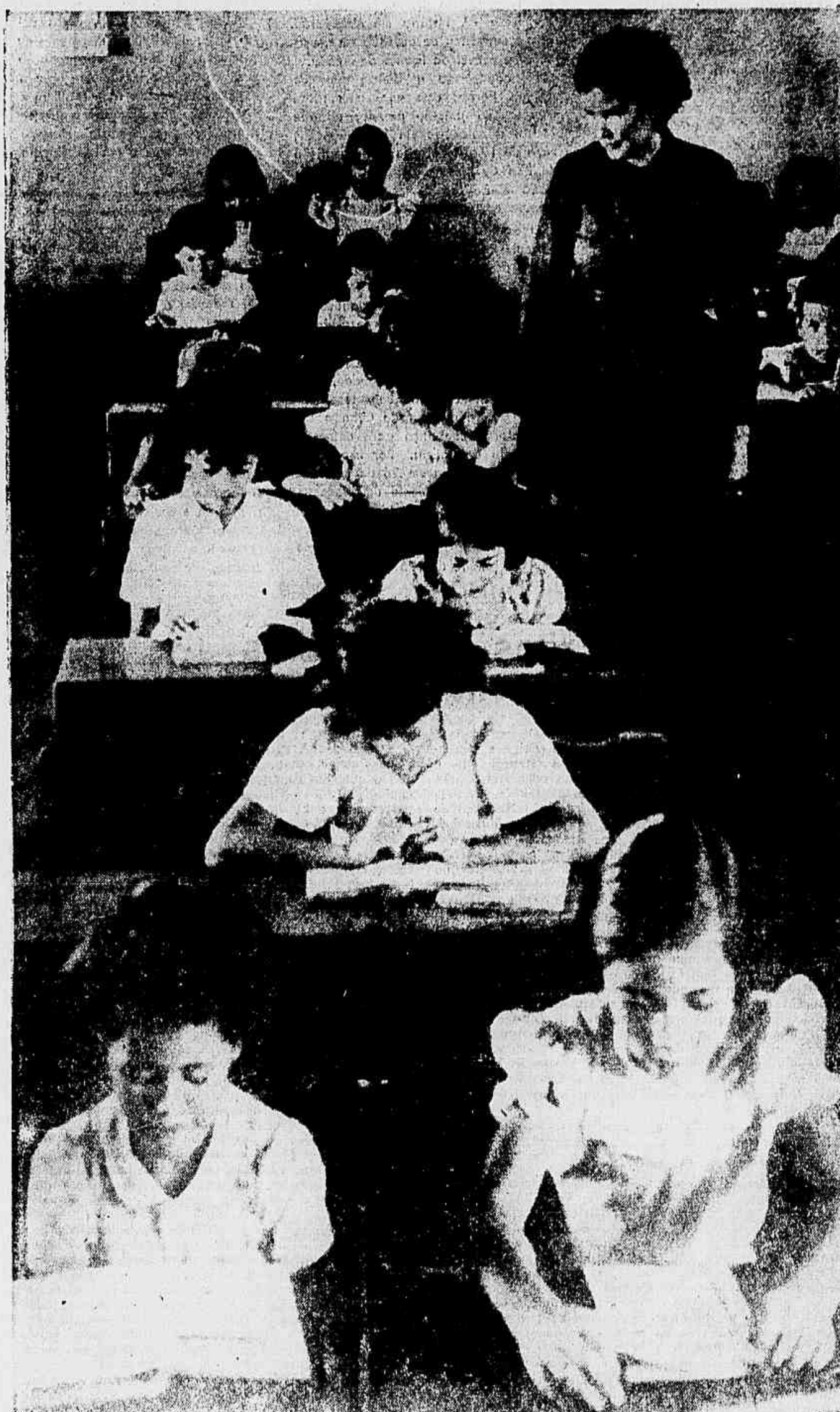
Outro meio ainda de subvencionar a escola particular com dinheiro público, é através das bolsas de estudo. No momento atual elas são um mal necessário, enquanto o Governo não oferece escolas suficientes para todos. Mas, se são por ele fornecidas, devem ser reguladas e outorgadas pelos órgãos oficiais. O sr. Lacerda, entretanto, propunha no seu substitutivo algo diferente. Diz o artigo 75,

«As bolsas custeadas com recursos orçamentários serão concedidas diretamente pelos Conselhos Regionais de Educação; estes poderão, porém, delegar funções, em cada localidade, a uma Comissão Educacional de sua criação e responsabilidade, constituída de pelo menos 5 membros designados entre pessoas de reconhecida integridade moral e domiciliadas na localidade em que as bolsas forem aplicadas».

E, finalmente, para ganhar a adesão dos professores, o deputado postulava, no artigo 78:

«Será levado em conta, no custo de cada bolsa, a necessidade de equiparar o salário do professor particular ao do magistério público na mesma região».

Todos sabem que os donos de colégios particulares não iriam abrir mão de um só centavo do que recebem para melhorar o salário dos professores, como nunca o fizeram, aliás. Essa manobra visa, na realidade, como todas as outras, tirar mais dinheiro dos cofres públicos, prejudicando com isso a escola pública.



Essas crianças não estudarão

A Escola Pública no Brasil não está preparada para atender às necessidades da infância e da juventude, em virtude do descaço das autoridades. Ao contrário da solução apresentada por Lacerda, que, liquidando o ensino público, impediria milhares de crianças de estudar, o que se necessita é aumentar as verbas para o ensino oficial, intensificando o

NOVOS RUMOS

Cresce Como Cogumelos o Número Dos Que Estudam a Língua Russa

Reportagem de ZULEIKA ALAMBERT

O entusiasmo pelo estudo da língua russa atingiu o Brasil. Somente no Rio de Janeiro mais de mil pessoas já se dedicam ao estudo desse idioma. Quinze escolas, entre particulares e oficiais (estas em caráter extracurricular), funcionam em diversos pontos do país. Salvador, S. Paulo, B. Horizonte, Recife, Niterói, Juiz de Fora e Rio de Janeiro estão entre as cidades que já contam com cursos instalados ou em processo de organização.

Interesse mundial

O fenômeno não é local. O interesse pelo estudo da língua russa aumentou muito nos últimos anos, ocupando, atualmente, por sua difusão, o terceiro lugar no mundo, depois do chinês e do inglês. O lançamento do primeiro sputnik muito concorreu para isso quando revelou ao mundo a capacidade técnica e científica da URSS. Os EE. UU. são o melhor exemplo desse interesse. O idioma russo era ali ensinado apenas em 16 escolas secundárias. Hoje o é em 400.000, enquanto 17 estações de televisão revelam os segredos da língua de Puskin a milhares de telespectadores.

Cresce como os cogumelos

«No Est. da Guanabara o número de alunos cresce nas aulas como os cogumelos, disse-nos a professora Lúcia Prestes, uma das mais ocupadas do Rio. Eles provêm de todas as camadas sociais e setores profissionais», acrescenta a secretária da Faculdade de Serviço Social do Rio de Janeiro, franqueando a repórter a lista de matriculados.

Já são, pois, numerosos os estabelecimentos de ensino que lutam com dificuldades para selecionar e organizar as turmas, dado o número de alunos e a sua heterogeneidade. Na curso anexo ao Instituto Brasil-URSS já estão inscritos 50 alunos, divididos em 5 turmas. Na Faculdade de Ciências Sociais do Rio de Janeiro mais de 48, em 3 turmas. Na Escola de Tradutores José Irineu de Souza cerca de 270, em 5 turmas, e assim por diante numa média

nunca inferior a 40. O maior número de alunos é de médicos, seguindo-se os professores e químicos.

Escolas em Funcionamento

Atendem às pessoas interessadas em aprender o russo as seguintes estabelecimentos de ensino: Escola de Ciências Políticas e Sociais da Universidade Católica, Curso da língua russa anexo ao Instituto Brasil-URSS, Escola de Tradutores José Irineu de Souza, Associação Cristã de Moços, Faculdade de Serviço Social do Rio de Janeiro, Seção Científica do Clube Naval (está em fase de matrículas). A Faculdade Nacional de Filosofia pretende instalar seu curso no segundo semestre deste ano. A Escola de Tradutores é a única que vem adotando o sistema de filiais, já tendo 4 instaladas: em Botafogo, Copacabana, Niterói e Juiz de Fora. Entre os Estados, S. Paulo aparece em primeiro lugar, com os cursos dados pelo Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo (um curso de férias de 3 meses e 8 turmas que regularmente recebem noções da língua russa). Segundo anunciou a imprensa paulista o sr. Fred Lane, presidente do referido Centro, já se encontra em estudo o projeto de introduzir o ensino desse idioma na escola, dependendo a sua oficialização apenas dos resultados que forem obtidos pelos educadores.

Caráter experimental

Segundo a opinião de alunos, professores e diretores dos cursos, a principal característica do ensino da língua russa entre nós é o seu caráter experimental, quer na organização dos cursos (seleção de turmas, escolha de professores, estabelecimento de horários etc.) quer na escolha do método de ensino mais adequado. Num e noutro sentido as formas utilizadas são múltiplas. Na Faculdade de Ciências Sociais do Rio de Janeiro estão em funcionamento cursos de dois tipos: regular, com duas aulas semanais, e informativo com uma aula por semana.

Neste último (em caráter temporário) os professores satisfazem a curiosidade dos alunos sobre o idioma (origem, transformações, dificuldades gramaticais, etc.). No curso do Instituto Brasil-URSS, além da assistência às aulas, onde ao lado dos manuais utilizam-se os discos e as cartolinas com letras e desenhos coloridos, já existe o projeto de inaugurar um curso por correspondência a exemplo dos que existem na França.

Dificuldades a vencer

O professor C. S. Bustamante, tradutor juramentado do idioma e diretor do curso de russo, anexo ao Instituto Brasil-URSS, referindo-se às dificuldades no ensino daquela língua, disse-nos.

— «Ainda não dispomos de um método perfeitamente adaptado ao ensino da língua russa em nosso país tendo por base as peculiaridades de nossa língua. O problema do ensino da língua russa aos não-russos suscitou, mesmo na URSS, sérios trabalhos de pesquisas e de elaboração didática. Essa é uma experiência que devemos considerar».

D. Rachuel Feingold, ucraniana que já lecionou na Escola de Tradutores e tem grande experiência como professora, queixou-se do pequeno número de livros didáticos existentes no mercado.

— «As aulas precisam ser trabalhosamente elaboradas pelos professores», disse-nos ela. A falta de professores categorizados, a diversidade de caracteres, o que dificulta a impressão no país de textos russos — eis outras dificuldades e que se referiram alunos e professores.

Textos mais usados

Assimil é um dos métodos preferidos pelos alunos, e por isso mesmo é o adotado nas principais escolas. A gramática de Maria Dolenga é considerada por alguns «muito pesada». Atualmente começam a ser vendidos, embora ainda em pequeno número, os

manuais de Nina Polapova que é também muito utilizado no Instituto Brasil-URSS. Na Escola de Tradutores, além dos outros textos encontramos os alunos muito entusiasmados com o Guia de conversação russo-português, editado na URSS.

Razão do entusiasmo

Por que o aprendizado do russo desperta tanto interesse entre nós, atualmente? — perguntamos ao diretor da Escola de Tradutores, professor Luiz de Barros. A resposta sincera vem rápida: «Uns vêm por mera curiosidade, outros por interesses profissionais, mas a grande maioria porque compreendeu que o idioma russo se converteu num idioma universal, principalmente porque a humanidade se enriquece cada dia mais com os frutos da grande revolução cultural operada na URSS».



Lúcia Prestes mestra de dois mundos

A professora Lúcia Prestes forma com D. Rachel a dupla de mestras da língua russa mais procurada pelos alunos cariocas. Lúcia é o que se pode chamar professora de dois mundos, pois ensinou português para os russos



Nem só de estudar vive o homem

Os alunos dos cursos de russo vez por outra se encontram, fora do horário das aulas, para praticar conversação, um dos melhores métodos de penetrar nos mistérios de uma língua estrangeira. Em muitas dessas ocasiões, aproveitam os conhecimentos culinários de um deles para, conversando naquele idioma, saborear os quitutes da terra soviética



D. Rachel sabe russo e até a gíria carioca

A medida que os sputniks iam ganhando o espaço, visitando a lua e namorando as estrelas, crescia o interesse e o entusiasmo pelo estudo da língua russa. E foi aí que apareceu D. Rachel, ucraniana, e muito familiarizada com a língua portuguesa. D. Rachel, que é senhora até mesmo da gíria carioca, ensina o idioma russo em várias escolas; e é muito querida pelos seus alunos

NOVOS RUMOS



O bê-a-bá do russo

Os caracteres diferentes do idioma russo obrigam a que seu estudo comece da mesma forma que o aprendizado infantil de qualquer língua, pois os adultos são obrigados, antes de tudo, a conhecer as letras que irão pronunciar e escrever. A foto nos apresenta um grupo de alunos entrando em contacto com o alfabeto do idioma de Pushkin